CAFÉ BRASILEIRO

O ano bom não passou

No ano passado o setor exportador de café verde brasileiro obteve um bom resultado. Mas em 1999 pode ser ainda melhor

ROGÉRIO FERREIRA DE SOUZA

No último dezembro, os embarques de café verde registraram um total de 1,67 milhão de sacas de arábica e 120,7 mil sacas de conillon, fechando 1998 com um total de 16,5 milhões de sacas – 15,6 milhões de arábica e 942,05 mil de conillon.

Em 1996 e 1997 foram exportados respectivamente 14,4 e 12,7 milhões de sacas. O aumento de 1998 foi de 14,7%, comparado a 1997, e de 29,9% com relação a 1996. O café conillon em 1998 obteve 71,7% mais do que em 1997, enquanto o arábica aumentava 12,2% em relação a 1997, tendo como resultado uma receita cambial de US$2,331 bilhões.

Mercados novos e antigos

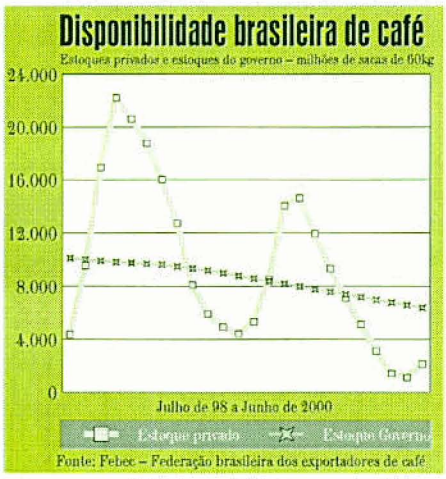
A reconquista de mercados tradicionais foi um dos principais fatores para o bom desempenho de 1998. Consumidores típicos do Brasil, como EUA, Japão, Itália, Grécia e Espanha, aumentaram o volume de compras. O total exportado para os 12 principais países compradores de café brasileiro foi de 13,01 milhões de sacas de café verde – um aumento de 1,3 milhão de sacas, ou seja, 11,2% em relação a 1997.

Entre esses 12 consumidores de café verde brasileiro, os maiores destaques em 1998 ficaram com os EUA, com um aumento de 28%; o Japão, com 15,8%; o Canadá, com mais 62%; a Grécia , com 27,2%; e a Espanha, com mais 17%. Esse aumento das compras dos países tradicionais pode caracterizar uma retomada da produção do café brasileiro, que no decorrer da década sofreu forte pressão dos cafés de outras origens e uma ausência de incentivos internos, como por exemplo uma política de *marketing* mais agressiva do café brasileiro nos mercados externo e interno.

O café brasileiro conquistou também novos mercados: outros 59 países importadores de café verde. As exportações para esse grupo chegaram a 3,6 milhões de sacas – um acréscimo de 30,2%, já que em 1997 esses países haviam comprado 2,73 milhões de sacas.

As perspectivas para o ano-safra 1999/2000 apontam para um cenário estreito no que diz respeito à oferta do produto. Confirmadas as estimativas de produção brasileira em torno dos 23,2 milhões de sacas para a temporada vindoura e mantido o mesmo nível de produção dos outros países observado na temporada passada, a produção mundial ficaria em torno de 94,4 milhões de sacas.

Preços mais competitivos graças à desvalorização cambial fazem prever que as exportações do primeiro semestre deverão superar os 5,6 milhões de sacas do primeiro semestre de 1998, mesmo com uma estimativa de produção menor e a sazonalidade típica do período.



Supondo que o consumo se mantenha nos mesmos patamares de 1998/99, ou seja, 106,1 milhões de sacas, teríamos um ano apertado, no qual seria necessário utilizar 54,5% dos estoques mundiais. Caso sejam confirmadas perdas na produção dos países da América Central, em razão dos estragos provocados pelo furacão Mitch, o quadro seria ainda pior, e o aumento dos preços internacionais seria inevitável.

No cenário interno, a situação não é tão diferente, pois a disponibilidade interna de café também apresenta uma redução na oferta. Estatísticas da Febec estimam que o nível de estoques em mãos do setor privado deverá diminuir de aproximadamente 76,4% no primeiro semestre de 1999, comparado a dezembro de 1998. Esse quadro de redução na oferta forçará a maior participação dos estoques governamentais e possível elevação dos preços internos.

As exportações para o primeiro semestre deste ano deverão superar os 5,6 milhões de sacas do primeiro semestre de 1998, caso continue o ritmo do mês de janeiro, quando o alcançado pelas exportações foi de 1,4 milhão de sacas, registrando uma receita cambial de US$ 170 milhões.

Segundo relatório divulgado pela Febec, esse resultado em ternos de receita cambial proporciona um recorde da década para o mês de janeiro. Mesmo com uma estimativa de produção menor e a sazonalidade típica do período, no qual a concorrência internacional é mais intensa devido ao ingresso de safras oriundas da maioria de outros 55 países produtores-exportadores como Colômbia, Quênia, Costa Rica, El Salvador e Guatemala, que amenizaria a demanda de cafés brasileiros. Mas a desvalorização cambial torna os preços mais competitivos em relação aos de outros países exportadores, gerando maior demanda para os primeiros meses deste ano.

Email: roger@fgv.br